

Fundação Oncocentro celebra 40 anos de combate ao câncer

A Fundação Oncocentro de São Paulo (Fosp), ligada à Secretaria Estadual da Saúde, completa 40 anos. Criada em 1974 para incentivar a pesquisa, o ensino e a assistência em oncologia, a instituição ampliou suas atividades e hoje oferece importante contribuição no combate ao câncer no Estado de São Paulo.

FOTOS: GENIVALDO CARVALHO



Laboratório realiza a imunohistoquímica e orienta o paciente em casos específicos de câncer

Fosp reabilita pacientes com sequelas de câncer de cabeça e pescoço e produz várias próteses para melhorar a aparência do paciente

Um dos destaques é a área de reabilitação de pacientes adultos e infantis com sequelas por câncer de cabeça e pescoço após tratamento cirúrgico e de radioterapia. O aposentado Renê Moreno de Souza, 63 anos, de Sorocaba, interior paulista, está satisfeito com a nova aparência. Recebeu o diagnóstico de melanoma (tumor maligno de pele, que pode atingir o globo ocular) em 1986. Pelo convênio médico, fez o tratamento cirúrgico em sua cidade, mas perdeu a visão do olho direito e foi encaminhado à reabilitação da Oncocentro pelo Sistema Único de Saúde (SUS).

Depois de consultar o cirurgião-dentista e o protético especializado em bucomaxilofacial da Fundação, Renê recebeu prótese ocular, que é substituída, em



Dr. Paulo: Prótese devolveu a Renê a autoestima

média, a cada seis meses: “O aparelho não me incomoda e dá outro aspecto. Ando muito pela cidade; sem a prótese ficaria um buraco no meu olho.”

Autoestima melhor – “A prótese devolve a autoestima do paciente e restabelece sua vida social e profissional”, observa Paulo César Carvalho, diretor adjunto da reabilitação. O produto personalizado exige minucioso trabalho manual. Primeiro, o dentista avalia o tom de pele e a área afetada e, depois, molda a cavidade com material específico, transformado em gesso. O protético dá o acabamento final às formas com resina e silicone.

“A reabilitação é a melhor parte do tratamento: os pacientes chegam tristes pela aparência e saem supersatisfeitos e agradecidos”, conta a protética Flávia Leme Sawaya. O resultado são próteses de olho, orelha,

nariz, facial total e outras áreas do rosto, de acordo com o comprometimento causado pelo tumor. “Olhos claros são os mais complicados, pois é difícil pintar a íris porque a cor muda dependendo do tempo”, diz Flávia.

De 2011 até o ano passado, o setor realizou 18.723 atendimentos entre consulta, revisão e colocação de prótese. Em 2013, foram oferecidas 2.808 próteses bucais, 1.094 oculares e 985 faciais. A equipe é composta ainda por psicólogo, técnicos de laboratório e auxiliares odontológicos. O paciente chega por encaminhamento da rede básica de saúde.

Carro-chefe – Outra área da Fundação Oncocentro que merece destaque é o Laboratório de Anatomia Patológica, onde são realizadas anualmente 10 mil análises de biópsias ginecológicas e endoscópicas. “O exame papanicolau é nosso carro-chefe: 220 mil exames por ano, encaminhados de 342 unidades de saúde do Estado. Isso representa 10% da rotina de diagnóstico da rede pública paulista”, informa Marcelo Giannotti, diretor adjunto do laboratório.

A Fosp abriga o terceiro maior laboratório público de papanicolau do Estado, fica atrás apenas da Associação Fundo de Incentivo à Pesquisa (Afip) e do Laboratório da Unicamp. De acordo com normas do Ministério da Saúde, a Oncocentro e o Instituto Adolfo Lutz coordenam o Monitoramento Externo de Qualidade (MEQ), que avalia a qualidade do rastreamento de papanicolau de outros laboratórios.

“Somos referência para outros laboratórios”, frisa Giannotti. “Aqui há modernos equipamentos que permitem dar o melhor tratamento ao paciente.” Um dos diferenciais é a imunohistoquímica, técnica realizada a partir de exames colhidos em laboratório para orientar a melhor assistência em casos específicos de câncer. Ao indicar o medicamento apropriado a determinado caso, a técnica dá segurança ao paciente.

Fish – Outra técnica inovadora é a *fish*, que oferece exame complementar à mulher com câncer de mama e alterações genéticas. Também indica a droga mais adequada para cada caso. De custo alto, o remédio está disponível no SUS e trata até 30% das pacientes com tumor nos seios.

A imunohistoquímica e a *fish* detectam a origem da doença, classificam seu tipo e os marcadores tumorais que mais respondem a determinado tratamento. Metade das análises realizadas é para câncer de mama; 30% hematológica; e 20% para outros tipos.

Viviane Gomes
Imprensa Oficial – Conteúdo Editorial

Estudo avalia técnica mais eficiente

Preocupada em criar opções mais precisas de combate e prevenção ao câncer de colo uterino, em breve a Fundação Oncocentro iniciará estudo para rastrear a doença pela técnica de citologia em meio líquido e pesquisa de DNA do papilomavírus humano (HPV). Enquanto na técnica convencional (papanicolau), o material colhido passa por etapa manual de preparo da lâmina que pode acarretar resultados imprecisos, a citologia em meio líquido dispensa o manuseio, o que mantém as células íntegras e favorece a análise. “A pesquisa pretende verificar se a nova técnica resulta em análise melhor e se diminui avaliações imprecisas”, explica o diretor Giannotti.

Participarão do trabalho pesquisadores da Fundação, do Instituto de Medicina Tropical da Faculdade de Medicina da USP (FMUSP), do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia das Doenças Associadas ao

Papilomavírus e 16 mil mulheres do Hospital e Maternidade Interlagos e de bairros da região oeste da capital.

“A nova técnica identifica os tipos de HPV de alto risco. Acreditamos que o diagnóstico de câncer de colo de útero deve começar pela pesquisa de HPV, mas isso não consta da rotina do SUS. Se os resultados forem satisfatórios, vamos sugerir ao Governo paulista para adotar o método na rede pública estadual”, antecipa o diretor-presidente da Fundação, José Eluf Neto.

Treinamento – Giannotti lembra que nem todos os casos de HPV exigem tratamento médico, pois o vírus pode ser eliminado naturalmente, em especial nas mulheres com menos de 25 anos.

A Fosp também atua no treinamento de profissionais de saúde na coleta de papanicolau e promove, desde 1988, curso de citotécni-

ca para técnicos em análise de papanicolau. É o único curso do Estado de São Paulo dirigido a profissionais do ensino médio.

“De acordo com estudos da FMUSP, nos últimos anos o Estado de São Paulo registrou menos 20% de óbitos por câncer de colo do útero”, informa o presidente, que acredita na colaboração da Fundação Oncocentro para esse resultado.

Para sugerir melhorias na assistência oncológica ao Governo paulista e ser fonte de informações sobre o acompanhamento dos pacientes atendidos nas instituições públicas estaduais, a Oncocentro mantém o Setor de Informação e Epidemiologia. O perfil de câncer do Estado é traçado a partir do Registro Hospitalar de Câncer, que recebe informações de 72 hospitais estaduais, entre elas diagnóstico confirmado de câncer, condições de tratamento, tempo de sobrevida e mortalidade.